

# A “casa” do desporto

**Cristiano Moreira**

*Arquitecto, autor do projecto de arquitectura da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto*

<https://doi.org/10.5628/rpcd.01.01.46>



Recordando Le Corbusier ao afirmar que “a arquitectura que conta é a que está debaixo do sol”, pode também dizer-se que um projecto construído é para o Arquitecto como um filho que efectivamente nasceu. Mas, a partir desse momento ele passa a ter uma vida como que autónoma, essencialmente pela mão dos seus utilizadores, vindo então a definir-se quanto à posição que assume perante si próprio e perante a sociedade em que se insere. Louis Kahn costumava falar do que um projecto “quer ser”, no sentido de procurar encontrar os vínculos e as relações que fundamentam a sua forma e determinam a sua vocação e uso. Será essencialmente na articulação dinâmica de equilíbrio/desequilíbrio entre estes dois factores que

se procura no início dum trabalho “descobrir” as determinantes do projecto que virão a constituir a base do quadro físico, onde posteriormente os futuros utentes tentarão encontrar em cada momento, o melhor sentido de uso, umas vezes afirmando, outras alterando as intenções iniciais. A tradição das escolas de Educação Física fundamentava-se num esquema de edifícios dispersos, correspondendo a cada um deles um espaço com uma função específica: ginástica, dança, volei, etc., o que entre outros requisitos pressupunha a existência de terrenos de grandes dimensões que permitiam e justificavam essa implantação dispersa. Não terá sido apenas alguma limitação do terreno,

mas fundamentalmente porque se pensou que uma “escola” deve ter um sentido de organismo arquitectónico inteiro, que nos levou a optar por um esquema diferente, ao propor uma sequência de espaços que, embora respeitando as vocações de uso, dessem ao conjunto uma fluência dinâmica. Esta opção implicava a necessidade de articular espaços de escala tão diferente como os que correspondem, por um lado aos gabinetes de trabalho, ou salas de aula e por outro aos amplos ginásios, sejam os de ginástica, de volei, ou a piscina que, com exigências de pé direito atingindo os 12 metros, obrigam a uma cuidada articulação, de modo a conseguir-se uma harmonia tanto interna como de volumetria exterior.

Parece-nos ser claro que todas as escolas apresentam características muito próprias, em resultado dum enquadramento cultural e duma pedagogia praticada; mas, não deixa de ser possível encontrar factores comuns a todas elas, de que um “espírito de escola” será eventualmente importante. Assim, é preciso que a forma física favoreça o desenvolvimento desse sentido, o que pressupõe ter ela própria assumido um significado claro do espírito gregário que

caracteriza a tradição escolar.

Esta uma das razões porque se propôs uma organização em forma de U, desenvolvida à volta de um pátio dominado visualmente a partir do átrio de entrada. É um espaço central que se pretende de algum modo quase simbólico, mas onde a directriz do percurso de aproximação, obliquado relativamente ao ortogonalismo lógico do edifício, introduz um sentido dinâmico intencional.

A solução procura ainda dar resposta a uma ideia inicial e assumida como um dado do programa de “abertura ao exterior”, criando uma entrada secundária que permite o acesso a alguns sectores – nomeadamente ao ginásio polivalente e à piscina – sem interferência com a restante estrutura pedagógica da Faculdade, no que seria completada pelos diversos campos e equipamentos de exterior, que esperam ainda oportunidade de execução. A esta distância da data da sua entrada em funcionamento, cabe ainda aos utilizadores a apreciação crítica que conduz aos ajustes e adaptações às constantes exigências de mudança, que devidamente ponderadas, transformam a Faculdade num organismo vivo.

